



Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Urbano
Universidade Federal de Pernambuco

A CIDADE PÓS PANDEMIA

PLANO DE CURSO / 2022.1

Carga horária: 30 horas (2 créditos)

Professores: Ênio Laprovitera, Joelmir Marques e Zeca Brandão

1- EMENTA

A disciplina *A CIDADE PÓS PANDEMIA* é oferecida pelo MDU para todos os alunos envolvidos com o Programa, em especial os alunos ligados à linha de pesquisa Arquitetura e Urbanismo. Trata-se de uma disciplina exploratória orientada para refletir sobre os impactos da pandemia covid-19 na cidade contemporânea. Isso será feito através da análise de 6 lives sobre o assunto reunindo 18 depoimentos de profissionais sobre 6 temas da cidade: Urbanidades; Habitação Social; Cidades inteligentes; Mobilidade Urbana; Patrimônio Construído; e Programa Arquitetônico.

2- JUSTIFICATIVA E OBJETIVOS DA DISCIPLINA

Acreditamos que o momento atual de crise urbana e global nos incita a levantar algumas questões importantes sobre a nossa profissão de arquiteto e urbanista.

A primeira questão que nos chama a atenção e que aparece bem evidente nos depoimentos das lives e em outras narrativas sobre o atual momento de pandemia, se refere a própria noção de crise e seus possíveis impactos na alteração dos rumos das cidades, ao ponto de aparecer nos depoimentos, de forma recorrente, representações sobre cisões entre ideias político-sociais antagônicas - a exemplo de liberalismo e estado de bem estar social - e até cisões entre séculos.

Esse debate pareceu muito claro logo no início da pandemia, tendo se expressado tanto no meio jornalístico quanto em narrativas de representantes da academia. O jornalista Jamil Chade no artigo intitulado “A Crise que definirá nossa geração”, publicado no Jornal El País em 18/03/2020, isto é, logo no início da pandemia no Brasil, alerta que a crise de agora “pode servir como uma insurreição das consciências de que o luxo do século 21 foram conquistas sociais que o século 20 nos deixou. E conquistas que envolveram o sangue de muitos”. Já o sociólogo francês Alain Touraine, dois dias depois, e nesse mesmo jornal, fala que o momento atual incita a uma “decisão fundamental” no sentido de se superar o atual modelo de sociedade, e assim, criar uma “sociedade do care (cuidados)”. Ou ainda, a coletânea de artigos intitulada *A Sopa de Wuhan* publicada digitalmente em março de 2020, reunindo uma série de depoimentos balizados pela questão dos limites do capitalismo, e onde encontramos um ensaio do geógrafo inglês David Harvey intitulado uma “Política anticapitalista em tempos de Covid-19”.

Esses e outros depoimentos – inclusive os 36 depoimentos reunidos nas 12 lives que compõem o Seminário Remoto “A Cidade Pós Pandemia” - das quais 6 lives (18

Caixa Postal: 7119, Cidade Universitária – CEP: 50780-970 – Recife/PE/Brasil

Tel: +55 (81) 2126.8311 FAX: +55 (81) 2126.8772

Email: mdu@ufpe.br <http://www.ufpe.br/mdu>



Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Urbano
Universidade Federal de Pernambuco

depoimentos) serão analisadas nessa disciplina - nos trazem bem claro a ideia de ruptura, e a questão de como serão os desdobramentos dessa crise para os fenômenos que ocorrem na cidade!

Questões como refletir sobre qual o papel do nosso saber arquitetônico e urbanístico na superação dessa crise? Ou ainda, como essa superação afetará o território da cidade em especial, no caso brasileiro, o que se convencionou chamar de cidade formal e espaços informais? Idem para as populações que ocupam esses dois territórios que, se não antagônicas – pois são partes de um mesmo modelo econômico – ao menos apresentam realidades sócio espaciais bastante diversas, o que nos obriga a perguntar se a cidade pós-pandêmica superará essas diferenças ou agravará ainda mais esse quadro de desigualdade?

No nosso caso específico, cabe também perguntar, se a saída para a atual crise sanitária da cidade, apoia-se, unicamente, em questões físico-espaciais – o que remete diretamente a área da *arquitetura e urbanismo* – ou depende sobretudo de uma atuação integrada das áreas da *gestão* e da *conservação urbana*? Mais ainda, e, no limite, trata-se de uma redefinição de técnicas e soluções urbanísticas ou isso deve vir embutido num novo pacto social como parece crer os depoimentos do Alain Touraine e do David Harvey citados acima?

Aliás, o arquiteto Robert Pechman no livro intitulado “Cidades estreitamente vigiadas”, mostra que a postura do debate urbanístico brasileiro sobre a crise sanitária que se encontra na origem da nossa disciplina e da cidade moderna no início do século 20 – diferentemente do caso europeu e norte-americano - parece ter tomado uma dimensão excessivamente técnica e assim envolveu de forma seletiva e subordinada as demandas das populações urbanas mais vulneráveis. Daí porque, iniciou-se de forma pontual com melhoramentos urbanos – deslocando problemas existentes de um ponto a outro do espaço, em particular, do centro para a periferia da cidade - em detrimento da consolidação de um pacto social expresso no que poderia se chamar de uma verdadeira política pública urbana baseada no direito de todos à cidade!

Por essas razões, a disciplina orienta o olhar para as várias dimensões da atual crise urbana donde podem decorrer os possíveis futuros da cidade. Daí o interesse em se debruçar sobre 18 depoimentos e 6 temas da cidade contemporânea, mesmo que ainda não disponhamos de um conjunto sistematizado de análises e pesquisas sobre o tema. Essa disciplina não é mais que uma breve contribuição para isso.

3- ABORDAGEM DO TEMA E ESTRUTURAÇÃO DAS ANÁLISES

Contextualizar a disciplina e, principalmente, o tema escolhido (urbanidade, habitação social, centralidades, etc) num debate arquitetônico mais largo, o que significa reconhecer que o “tema/conceito/palavra” escolhido tem, ele próprio, uma história (passado-presente-futuro).



Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Urbano
Universidade Federal de Pernambuco

De fato, e como aparece nos depoimentos das lives a serem estudadas, os conceitos/temas adquirem novas conotações de acordo com o dado temporal e geográfico, e assim, chegam em cada época e lugar com novos elementos e interpretações. Essas perspectivas de “contar a história” abrem novas alternativas e fontes de pesquisa variadas: textos, imagens, fotografias, pinturas, literatura, narrativas pessoais, etc. Mesmo que, no caso da nossa disciplina, o ponto de partida sejam as 6 lives com os 18 depoimentos selecionados.

De modo geral, e tendo em vista definir uma estrutura comum as apresentações das equipes, sugerimos as equipes de alunos a orientar suas narrativas/análises abordando o “passado, presente e futuro” de cada tema.

3.1 - O PASSADO

Procurar observar como o tema/conceito se manifestou em fenômenos semelhantes, seja num passado longínquo ou recente, e que impactos tiveram na vida privada e urbana. Os exemplos são inúmeros, pois, e só se referindo as crises sanitárias, no século XX tivemos: o HIV (anos 80), Gripe de Hong Kong (1968-1970), Gripe Asiática (1957-1958), Gripe Espanhola (1918-1919), e, nesse início de século XXI, já vamos com 4 crises importantes: Covid-19 (2020), Gripe H1N1 (2009-2010), SARS (2002-2003) e Gripe Aviária (2003-2004) – isso para não falar nas catástrofes ambientais como, por exemplo, Mariana e Brumadinho.

Da mesma forma, a eventual constatação de demonização da cidade em favor de uma volta ao campo ou de outras formas de “isolamento” urbano – como os condomínios fechados, os bairros “verdes” na nova periferia da cidade – nos relembram as antigas tentativas de distanciamento do meio urbano. No Brasil, o movimento ruralista, e, no plano internacional, o debate das cidades jardins ou mesmo as propostas comunitárias dos chamados “Socialistas Utópicos”, ilustram bem essa narrativa antiurbana.

A mesma percepção de narrativas contínuas ou de rupturas deve ser feita com relação a eventual crise do até então discurso hegemônico sobre a cidade: o liberalismo econômico e o correlato desmonte da sociedade salarial e de seu sistema de proteção social (assistência, saúde, educação, habitação) que, com certeza, muito explicam da transformação da atual crise sanitária na catástrofe com mais de 250 mil mortos (01/03/2021) pela Covid-19 no Brasil.

3.2 - O PRESENTE

Ao tempo “presente” estamos nos referindo mais especificamente a atual experiência da quarentena e isolamento social. Para isso, temos a disposição uma infinidade de artigos, matérias de jornais, vídeos, lives, reunindo depoimentos de inúmeros indivíduos, grupos de pesquisa, e também, é claro, a vivência individual de cada um de nós enquanto indivíduo, grupo e coletividade urbana e global. Essa “experiência de enclausuramento” traz também o tema da repentina e sempre danosa diluição das



fronteiras entre o “trabalhar”, o “lazer” e o “morar”, nos remetendo, inevitavelmente, ao tema dos grandes e radicais encarceramentos (prisão, asilo, etc.) e também a antiga superposição das atividades do trabalhar com o morar.

3.3 - O FUTURO

O tempo “futuro” é o trabalho que requer mais cuidado, uma vez que ainda estamos totalmente mergulhados na experiência atual (presente), e assim, não dispomos do distanciamento crítico e da análise científica cumulativa de dados para uma narrativa mais segura. Todavia, e enquanto atores presentes na vida urbana e cujo destino depende das nossas interpretações (eruditas ou não), dispomos de diversos depoimentos e estudos, e também, da legítima liberdade de, a partir das fontes consultadas e da nossa vivência/interpretação, formular hipóteses sobre o que nos espera, seja como indivíduos, seja como profissionais dedicados a pensar os edifícios e a cidade.

4- OUTRAS VARIANTES CONTEXTUAIS DO TEMA

Ao lembrarmos da importância de contextualizar o tema escolhido (urbanidade, habitação social, centralidades, etc) com relação as épocas (tempo) e locais de recepção (lugar), devemos ter em mente que as essas variações não só ocorrem quando analisamos nações ou continentes distintos, mas também, e isto devido a fortes diferenças sócio econômicas e espaciais, no interior de uma mesma cidade ou bairro. Ou seja, é preciso inserir as reflexões na realidade da cidade formal e informal, ou, em alguns casos, em se tratando do “centro” ou da “periferia”. Aliás, esse é mais um dos aspectos recorrentes das imagens e falas contidas nos 18 depoimentos a serem analisados, o que significa reconhecer “tempos distintos” numa mesma cidade.

A partir dessas considerações, fica evidente a importância de situarmos cada “texto” ou “fala” no seu contexto sócio econômico e espacial, mas também, vale lembrar, o contexto profissional. Ou seja, o lugar que o depoimento ocupa no campo da profissão: a narrativa vem do campo teórico (academia) ou da prática profissional? É de gestor público ou profissional liberal? O mesmo raciocínio para dados de localização espacial e imersão cultural! Essas preocupações metodológicas no trato da matéria histórica são referências balizadoras na historiografia contemporânea, em especial, no campo dos “estudos urbanos”.

Por fim, chamamos a atenção para o fato das narrativas escritas ou orais situarem-se num campo sócio espacial e cultural (e de debate intelectual) mais amplo, e assim, é sempre possível reconhecer em cada depoimento/texto seus “alvos” e “aliados”, podendo, inclusive, ser importante para explicar o quanto um determinado autor acredita ou não numa mudança radical da cidade na pós pandemia – pra provocar um pouco e retomar a questão central da nossa pesquisa/disciplina.



5- FORMATO DAS AULAS

As aulas serão desenvolvidas por meio de discussões guiadas pelos professores com base nos depoimentos de profissionais externos convidados, de forma remota, mídias digitais, bibliografia e demais fontes de pesquisa complementar. A disciplina terá atividades síncronas e assíncronas. Como atividades assíncronas se propõe a análise de 6 lives com duração de 2 h cada disponíveis no portal [www. youtube.com.br/](http://www.youtube.com.br/) A Cidade Pós-Pandemia, e que contemplam 18 depoimentos sobre 6 temas da arquitetura e urbanismo.

Como atividade síncrona têm-se, no ambiente virtual da sala de aula, com acompanhamento dos professores da disciplina, as apresentações das análises críticas dos alunos sobre cada uma das 6 lives especificadas, sessões essas com 2h de duração. A disciplina contará ainda com uma sessão de abertura e outra de encerramento, perfazendo uma total geral de 30 horas de atividades. Na sessão de abertura, a estrutura do curso será apresentada de forma mais detalhada e uma palestra sobre o tema, intitulada “A Cidade Pós Pandemia” será proferida pelo professor titular da disciplina. O curso será concluído com uma sessão de encerramento onde uma auto avaliação da disciplina será realizada, visando melhorias pedagógicas e desdobramentos de conteúdos.

Serão formadas 6 equipes de 3 a 4 alunos onde cada uma das equipes ficará responsável por um tema das 6 lives. À cada aula a equipe fará uma apresentação sobre o tema escolhido no primeiro dia de aula, e essa apresentação será guiada pelos professores e discutida com um debatedor externo especialmente convidado para cada tema.

6- CRONOGRAMA

| AULAS | DIAS | ATIVIDADES | |
|--------|-------|--|--|
| | | ASSÍNCRONAS (de 8h às 10h) | SÍNCRONAS (de 10h às 12h) |
| Aula 1 | 12/04 | Leitura Plano de Curso | Abertura: A Cidade Pós Pandemia |
| Aula 2 | 19/04 | Análise Live 1 | Seminário 1: Urbanidades |
| Aula 3 | 26/04 | Análise Live 2 | Seminário 2: Habitação Social |
| Aula 4 | 03/05 | Análise Live 3 | Seminário 3: Cidades Inteligentes |
| Aula 5 | 10/05 | Análise Live 4 | Seminário 4: Mobilidade Urbana |
| Aula 6 | 17/05 | Análise Live 5 | Seminário 5: Patrimônio Construído |
| Aula 7 | 24/05 | Análise Live 6 | Seminário 6: Programa Arquitetônico |
| Aula 8 | 31/05 | Encerramento: Considerações Finais sobre a Disciplina Obs: nessa sessão não haverá atividade assíncrona | |



Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Urbano
Universidade Federal de Pernambuco

7- AVALIAÇÃO

Os alunos serão avaliados em dois momentos do curso. A primeira avaliação será através das apresentações em equipe nos seminários, e a segunda ocorrerá no final do curso quando os alunos deverão submeter um trabalho individual, no formato de resumo expandido, sobre o conteúdo teórico específico referente ao tema (live) escolhido. Frequência e participação nas aulas também serão consideradas na avaliação geral do aluno.

8- FONTES DE PESQUISA

Fontes de pesquisa, mídias, estudos de casos de referências sobre o tema/debate em questão.

8.1- ESPECÍFICAS:

Para o semestre 2020.2, as fontes de referências básicas, seriam: as 6 lives disponíveis no portal [www. Youtube.com.br/](http://www.Youtube.com.br/) A Cidade Pós-Pandemia:

- *A Cidade Pós Pandemia: Urbanidades* (Zeca Brandão, Fred Holanda e Paulo Rheingantz)
- *A Cidade Pós Pandemia: Habitação Social* (Zeca Brandão, Bete França e Pablo Benneti)
- *A Cidade Pós Pandemia: Cidades Inteligentes* (Zeca Brandão, Cláudio Marinho e Silvio Meira)
- *A Cidade Pós Pandemia: Mobilidade Urbana* (Zeca Brandão, Renato Anelli e Milton Botler)
- *A Cidade Pós Pandemia: Centralidades Urbanas* (Zeca Brandão, Heliana Comin Vargas e Guilherme Wisnik)
- *A Cidade Pós Pandemia: Urbanismo Social* (Zeca Brandão, Carlos Mário Rodriguez e Murilo Cavalcanti)

8.2 - COMPLEMENTAR:

- Instagram: 516_configuracoesurbanas_pandemia
- Arquiteturas: Copromo. www.youtube.com/watch?v=4H6BM6_auBA

8.3 - BÁSICA:

- BAUMAN, Zygmunt. *“Medo Líquido.”* Rio de Janeiro: Zahar, 2008.



Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Urbano
Universidade Federal de Pernambuco

- BOLAFFI, Gabriel e CHERKEZIAN, Henry. *“Os caminhos do mal-estar social: habitação e urbanismo no Brasil.”* In: Novos Estudos Cebrap, nº. 50. São Paulo, 1988, p. 125-147.
- CALVINO, Italo. *“As cidades invisíveis.”* São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- TUAN, Yi-Fu. *“Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência.”* São Paulo: Difel, 1983.
- DEL RIO, Vicente. *“Introdução ao desenho urbano no processo de planejamento.”* São Paulo: Pini, 1990.
- DAVIS, Mike. *“Ecologia do medo. Los Angeles e a fabricação de um desastre.”* Rio de Janeiro: Record, 2001.
- FIORI, Jorge; BRANDÃO, Zeca. *“Spatial Strategies and Urban Social Policy: Urbanism and Poverty Reduction in the Favelas of Rio de Janeiro.”* In: P. Kellet, F. Hernández, & L. Allen. *Rethinking the Informal City: Critical Perspectives from Latin America*. New York: Berghahn Books. 2010.
- GHIL, Jan. *“Cidades para as pessoas.”* São Paulo: Perspectiva, 2013.
- GEHL, Jan. *“Life Between Buildings: Using Public Space.”* Van Nostrand, New York, 1987.
- HARVEY, David. *“Política Anticapitalista en Tiempos de Coronavirus”* in AGANBEM, Giorgio et ali - *Sopa de Wuhan. Pensamentos Contemporâneo en Tiempos de Pandemia*. Ed. ASPO. PDF.
- HOLANDA, Frederico et ali (orgs). *“Urbanidades.”* Rio de Janeiro: Folio Digital: Letra e Imagem. 2012.
- JACOBS, Jane. *“Morte e Vida de Grandes Cidades.”* São Paulo: Martins Fontes. 2014.
- PECHMAN, Robert. *“Cidades Estreitamente Vigeadas. O detetive e o urbanista.”* Rio de Janeiro: Casa da Palavra. 2002.
- SEGRE, Roberto. *“Formal-Informal Connections in the Favelas os Rio de Janeiro: The Favela Bairro Program.”* In: P. Kellet, F. Hernández, & L. Allen. *Rethinking the Informal City: Critical Perspectives from Latin America*. New York: Berghahn Books. 2010.
- TCHUMI, Bernard. *“Arquitetura e limites I, II e III.”* In : NESBIT, K. (org). *Uma nova agenda para a arquitetura: antologia teórica (1965-1995)*. São Paulo: Cosac Naify, 2006.